



Thiago José Barros Simões*

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre o conceito de conhecimento relativo a partir da filosofia do francês Henri Bergson. Dessa forma, iniciamos a pesquisa analisando as maneiras de conhecer alguma coisa apontadas por Bergson, primeiramente refletindo sobre o conhecimento relativo, destacando sua problemáticas e suas limitações para estabelecer uma apreensão profunda das coisas e suas implicações na ciência moderna. Depois buscamos apresentar as limitações da ciência positiva apontadas por Bergson em relação a captação do real. O texto mostrará que, segundo o filósofo, muito daquilo que acreditamos ser de fato o real se trata de uma espacialização delimitada da inteligência para que nós, com nossas ferramentas, possamos captar algo, mas, deveras, aquilo que compreendemos e percebermos é uma fragmentação da realidade, que diante de nós se dá numa amplitude inconcebível pela inteligência humana. Portanto, Bergson busca em sua filosofia afastar-se dessa forma de conhecimento e afirmar a possibilidade de um método intuitivo que nos permita aproximar mais da realidade de forma direta, sem a utilização de símbolos.

Palavras-chave: Conhecimento Relativo. Ciência Moderna. Inteligência. Realidade.

Relative knowledge and positive science: reflection on its limitations in Henri Bergson's philosophy

ABSTRACT

This article aims to reflect on the concept of Relative Knowledge based on the philosophy of the Frenchman Henri Bergson. In this way, we began the research by analyzing the ways of knowing something pointed out by Bergson, first we reflected on relative knowledge, highlighting its problems and limitations to establish a deep apprehension of things and also its implications in modern science. Then we seek to present the limitations of positive science, pointed out by Bergson, in relation to capturing the real. The text will show that, according to the philosopher, much of what we believe to be in fact the real, it is a delimited spatialization of intelligence so that we, with our tools, can capture something, but, indeed, what we understand and perceive is a fragmentation of reality, which before us is given in an inconceivable amplitude by human intelligence. Therefore Bergson seeks in his philosophy to move away from this form of knowledge and affirm the possibility of an intuitive method that allows us to approach reality more directly without the use of symbols.

Keywords: Relative Knowledge. Modern Science. Intelligence. Reality.

* Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2019–2021). Licenciado em Matemática pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2016–2018). E-mail: thiagosimis17@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9240467109976176>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0802-1706>.

1 Introdução

A pergunta pela possibilidade do ser humano possuir conhecimento absoluto da realidade perpassa toda a história da filosofia, em especial no âmbito da metafísica. Sobre tal assunto, o filósofo Henri Bergson, considerado como novo espiritualista, um dos grandes nomes da filosofia francesa dos séculos XIX e XX, de acordo com Vieillard-Baron em sua obra *Compreender Bergson*, traça um caminho metodológico que dá bases para refletir sobre a problemática.

Bergson, em sua filosofia, apresenta que, inicialmente, antes de querer conhecer qualquer coisa de forma absoluta, é necessário pensar sobre o conhecimento que conseguimos acesso de forma mais imediata, o Conhecimento Relativo, o qual, segundo o filósofo, é utilizado pela ciência positiva.

Neste texto, buscar-se-á apresentar a reflexão de Bergson sobre o conhecimento relativo e a ciência positiva através do seu estudo sobre o tema, especialmente no ensaio “Introdução à metafísica”, de 1903. Também será apontada a crítica realizada ao mesmo e a influência dessa maneira de conhecer na construção da ciência moderna. Para o último tópico, explicitar-se-á como o processo de análise está arraigado na ciência positiva, assim como a crítica feita por Bergson sobre tal ciência e sua limitação para o conhecimento da realidade absoluta.

Conhecimento relativo: a análise

O desenvolvimento de uma nova maneira de filosofar em Bergson inicia-se a partir de uma constatação, realizada em sua *Introdução à Metafísica* (1903), acerca dos tipos de conhecimento que foram dados durante a História da Filosofia. Bergson aponta que ao analisar as definições que se dão à metafísica e às concepções que se desenvolvem no entorno do conceito de absoluto, observa-se que mesmo com discordâncias, os filósofos comungam da ideia de que existem duas maneiras de conhecer uma coisa, sendo que a primeira se trata do “ponto de vista” da pessoa que observa essa coisa, ou seja, dependendo dos símbolos que utiliza para se expressar e de seu ponto de referência. E a segunda maneira de conhecer a coisa é não se utilizar de símbolos e não depender de pontos de vista: trata-se de se colocar dentro da própria coisa, fazer parte dela e não atuar como um espectador (BERGSON, 1989).

A primeira maneira de conhecer a coisa, tema desse artigo, é o Conhecimento Relativo. Bergson denomina-a de relativa pois o sujeito coloca-se de modo exterior a ela tanto em sua simbologia, utilizada para expressá-la, quanto em seu ponto de vista. Segundo o filósofo, tal maneira de conhecer “[...] implica que rodeemos a coisa” (BERGSON, 1989, p. 134) sem que tenhamos um verdadeiro contato com ela mesma.

Essa forma de conhecimento se dá no intelecto e mesmo sendo um tipo de conhecimento que permita uma certa precisão na análise dos dados, permanece numa forma limitada, pois não é capaz de abarcar a totalidade do objeto, apenas analisando-o em suas partes. Isso gerou diversos problemas à filosofia, os quais não foram capazes de serem solucionados (COELHO, 1999).

No primeiro capítulo de sua obra *A Evolução Criadora* (1907), Bergson faz uma crítica tanto ao pensamento mecanicista determinista quanto ao finalista, pois ambos, para ele, possuem a função de fazer um seccionamento sobre o objeto, e a partir de suas partes divididas, analisar e tentar dizer o que era aquele objeto. Todavia, eles não conseguiam, pois não o tomavam pelo todo e sim pelas partes, descaracterizando-o. Afirma Bergson que:

A representação do conjunto da vida não pode consistir na combinação entre si das ideias simples em nós depositadas pela própria vida no decurso da sua evolução: como poderia a parte equivaler ao todo, o conteúdo ao continente, um resíduo da operação vital à própria operação? (BERGSON, 2010, p. 65).

Ora, quando seccionamos o objeto não conseguimos conectá-lo ao seu original, pois o que se consegue é tocar esse objeto em sua exterioridade, sem conseguir penetrá-lo efetivamente, haja visto que o conhecimento depositado sobre o mesmo consiste em relações que fazemos entre os símbolos que acreditamos já conhecer e os pontos de vista que aplicamos sobre ele. Dessa forma, a partir de alguns elementos que possuímos, buscamos naquilo que pretendemos conhecer semelhanças que o torne mais claro. Alves afirma que “os símbolos, assim como as fotos, constituem representações da realidade pelas quais nossa razão procura promover a relação entre elas para se obter uma compreensão” (ALVES, 2014, p. 25).

Para exemplificar tal tipo de conhecimento, Bergson apresenta num primeiro momento de seu ensaio *Introdução à Metafísica* a escrita e a leitura de um romance. Ora, ao escrever um romance o romancista utiliza-se de símbolos e signos para

expressar traços, ações e falas das personagens. Ao ler este romance, o leitor conhece a personagem através do ponto de vista do romancista e começa a interpretá-la com seus próprios signos e símbolos. Todavia, tal interpretação não proporcionará ao leitor uma imagem clara e evidente, ou absoluta, de quem realmente seja tal personagem, haja visto que tanto o romancista quanto os leitores de seu romance possuem características, simbologias e pontos de vista diferentes (BERGSON, 1989).

Tudo aquilo que foi descrito pelo romancista e interpretado pelo leitor não se trata do que realmente é a personagem, pois “Todos os traços pelos quais a descrevem, e que só podem fazer com que a conheça através de comparações com pessoas ou coisas já conhecidas são signos pelos quais a exprimimos mais ou menos simbolicamente” (BERGSON, 1989, p. 134) e tais não permitem que o leitor adentre na personagem, mas o coloca como um simples espectador. Todos os momentos, traços e ações das personagens não serão conhecidos pelo mesmo, fornecendo uma simples caricatura que faz o leitor compará-la com outros, mas tal comparação não remete necessariamente à personagem, da maneira que ela é em si mesma.

Para Bergson o que acontece nesse momento são traduções, as quais,

[...] poderão acumular nuances e nuances e, por uma espécie de retoque, corrigindo-se uma à outra, dar uma imagem cada vez mais fiel do poema que traduzem; jamais captarão o sentido interno do original. Uma representação tomada de um certo ponto de vista, uma tradução feita com certos símbolos, permanecem sempre imperfeitas comparadas com o objeto representado, ou que os símbolos tentam exprimir. (BERGSON, 1989, p. 134).

Quando fazemos interpretações das coisas, partimos de conhecimentos racionais e de conceitos previamente estabelecidos e, portanto, sempre estaremos tocando apenas o exterior de uma esfera, pois “[...] extraímos do fenômeno apreendido valores quantificáveis e semelhanças, de tal forma a convertê-los em símbolos ou representações, [...] na tentativa de compreensão do todo do fenômeno” (ALVES, 2014, p. 24). Isso, por sua vez, acarretará numa falsa compreensão da realidade, tomando-a como uma parte fragmentada, já que sempre estaremos a vários passos de alcançá-la, pois como afirma Bergson em *A Evolução Criadora* (1907), à medida que pensamos ter conseguido compreender uma coisa, através de nossa inteligência, que é composta por conceitos e símbolos que se manifestam através da linguagem e das imagens, mais distante nos encontramos dela mesma, pois “Quanto

mais a consciência se intelectualiza, tanto mais a matéria se especializa” (BERGSON, 2010, p. 210).

Como as imagens, os conceitos também não são capazes de reproduzir o que é a vida interior. Ora, no caso das imagens, elas mantêm ainda o sujeito no plano concreto, proporcionando uma aproximação um tanto precisa de uma certa intuição a ser apreendida. Todavia, não é possível a ela chegar através da intuição em si, pois apenas “Teremos simplesmente colocado a consciência na atitude que deve tomar para fazer o esforço requerido e chegar, ela própria, à intuição” (BERGSON, 1989, p. 137). Por outro lado, os conceitos se tornam, como afirma Bergson, inconvenientes, pois são propriamente símbolos, usados para substituir o objeto os quais simbolizam, incorporando somente as noções que já estão pré-concebidas de outros objetos que se assemelham a este.

Fazer tais comparações para serem retidos como os conceitos dividem esse objeto, buscando suas semelhanças com outros objetos, ocasiona uma justaposição desses conceitos, fazendo com que a totalidade do objeto se dê através de suas partes e “[...] obteremos dele, um equivalente intelectual” (BERGSON, 1989, p. 138). Conseqüentemente pode-se cair na ilusão de que foi possível chegar a uma representação fiel de tal objeto, todavia:

Quanto mais podem as ideias abstratas prestar serviço à análise, isto é, a um estudo científico do objeto em suas relações com todos os outros, tanto mais incapazes são de substituir a intuição, isto é, a investigação metafísica do objeto no que ele tem de essencial e próprio (BERGSON, 1989, p. 138).

Tais conceitos fornecerão apenas uma recomposição do objeto dado através da divisão de suas partes, o que na realidade trata-se de apenas uma sombra daquilo que realmente é o objeto, simbolizando apenas pontos impessoais e caracterizando aspectos gerais. Isto é característica do sujeito, pois ele “[...] generaliza ao mesmo tempo que abstrai” (BERGSON, 1989, p. 138). Por isso as propriedades do objeto devem ser apreendidas pela metafísica, pois através dela as propriedades coincidem com o objeto e adotam os mesmos contornos. Quando são dadas fora da metafísica, representam conceitos, os quais não apreendem o objeto em si, mas ultrapassam aquilo que ele é, comparando-o consigo mesmo e com outros semelhantes,

adquirindo suas características. A função desses conceitos se dá na divisão da realidade em si do objeto e em traduzi-la em diversas expressões simbólicas.

Ao utilizarmos o Conhecimento Relativo para tentar apreender a realidade, acabamos por tomá-la como algo inerte. Quando fazemos a secção do objeto, impedimos que o movimento que o constitui siga seu fluxo, e isso acontece porque o limitamos num espaço homogêneo¹. Ora, quando definimos pontos fixos por onde o movente se transporta e fazemos deles uma localização do mesmo, por consequência temos uma contradição, pois algo que se move não pode sobrepor-se a algo que está em inércia, na imobilidade, haja visto que, caso isso ocorra, haveria uma coincidência, e aquilo que outrora se movia, deixou-se de mover, tornando-se imóvel.

Bergson afirma que “jamais o móvel está realmente em qualquer um dos pontos; quando muito podemos dizer que ele passa por eles” (BERGSON, 1989, p. 146). O que é parte do movente está com ele e não se desvencilha do mesmo, todavia, aquilo que é elemento, como os pontos designados por onde supostamente o movente passou, não faz parte da mobilidade, pois define lugar fixo e não explicita a realidade do movente, pois, nesse caso, ocorreria contradição, como visto no exemplo acima. Daí percebe-se que a análise não dá conta de percorrer toda a realidade em si, justamente devido à sua necessidade de justaposição. “Essa forma de conceber o movimento nos permite considerar e tratar a matéria real e movente como se fosse puramente estática e geométrica” (ALVES, 2014, p. 20).

Tal tendência de limitação do movimento produz essa ilusão de conseguir reconstituir o original a partir das partes, mas o que se obtém na realidade é uma relativização do todo, pois esse intervalo que foi estabelecido pode ser ainda subdividido em infinitas partes que possuirão, mais uma vez, outras subdivisões. Tratamos o movimento de forma numérica e no intervalo entre um número e outro. Há infinitos números e limitamos o infinito criando outro infinito sem poder nunca os tocar².

Para Bergson, o mesmo procedimento de ponto de vista de seccionamento que utilizamos para estabelecer o movimento, utilizamos também com o tempo (BERGSON, 1989). Com isso:

¹ Alves (2014, p. 21) aponta que “Bergson aqui não está a questionar a divisibilidade do espaço, mas a espacialização e divisibilidade que atribuímos ao ato de movimento”.

² Não iremos adentrar na teoria apresentada por Bergson em sua tese de doutorado *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, na qual ele explicita sua teoria sobre os números e sua relação com a multiplicidade, outro conceito também trabalhado por ele na obra.

O tempo não terá mais realidade para um ser vivo do que para uma ampulheta, na qual o reservatório superior se esvazia enquanto o de baixo se enche, e na qual só pode fazer voltar as coisas aos seus lugares invertendo a posição do aparelho. (BERGSON, 2010, p. 32).

Isso acontece porque buscamos apoiar nosso pensamento em ações que são úteis para o dia a dia, como aponta Bergson. Afirma o filósofo: “[...] pretendemos recompor a mobilidade com a imobilidade” (BERGSON, 1989, p. 147). Tendo a análise como produto da inteligência e seu modo de operação sendo estritamente prático, ela está voltada para a ação no mundo, representada por seus símbolos e linguagem, de modo que devido a tal operação ela mascara a dinamicidade da realidade.

Desenvolvendo-se num processo denominado por Bergson como um mecanismo cinematográfico da inteligência, ele o considera como necessário e natural, haja visto que a inteligência possui a função de iluminar e indicar a ação humana sobre os objetos. A ciência positiva, sendo um conhecimento da análise, repousa sobre a ação e, portanto, tem a necessidade de desviar seu olhar de seus “[...] referenciais imóveis [...]” (RIBEIRO, 2013, p. 96) com o intuito de tocar seu objeto de pesquisa.

Devido a essa tratativa do conhecimento relativo de se basear em análises, as quais se fundamentam nos conceitos e nos símbolos para representar as coisas, Bergson aponta que a ciência positiva não tem condições de dizer sobre o fundamento da realidade em si, pois utiliza-se desses recursos.

A limitação da ciência em capturar o todo da realidade

Os grandes problemas que Bergson observou em seu contexto foram o determinismo e o positivismo que eram utilizados pela ciência e até mesmo pela filosofia para tratar do conhecimento, do tempo, da realidade e do sujeito, colocando tudo sob uma forma estática, na qual todas as coisas estavam subordinadas às leis e, a partir disso, eram analisadas de maneira isolada. Sua grande crítica ao determinismo e ao positivismo influenciaram profundamente as grandes áreas do conhecimento científico e filosófico, ocasionando uma nova concepção das mesmas. Suas obras são destinadas mais aos cientistas do que propriamente aos filósofos.

Para Bergson, o problema da análise é que ela não transmite o que o objeto analisado realmente é. O procedimento analítico trata de uma fragmentação do objeto, não abarcando este objeto como um todo. Cada fragmento analisado justapõe o outro e isso não permite dar conta do todo, pois serão apenas, como afirma o filósofo, uma tradução que, segundo ele, trata de pontos de vista que podem até se aproximar, mas não manifestarão absolutamente o que é a realidade (VILHENA, 2017).

Tendo como função analisar, a ciência positiva não consegue ultrapassar aquilo que já está dado de forma pré-estabelecida. Afirma Bergson que: “Mesmo as mais concretas das ciências da natureza, das ciências da vida se atêm à forma visível dos seres vivos, de seus órgãos, de seus elementos anatômicos” (BERGSON, 1989, p. 135), elas tratam de maneira simplificada as questões mais complexas, reduzindo-as a análise sob a simbologia. Bergson afirma que é papel da ciência positiva fazer a análise do objeto, haja visto que seu trabalho se dá através de símbolos, signos e observações, auxiliando no conhecimento relativo do objeto, não de forma absoluta.

A ciência moderna, como a ciência antiga, age de acordo com o método cinematográfico. Não pode proceder de outra maneira: toda ciência está submetida a essa lei. Faz parte da essência da ciência, com efeito, trabalhar com *sinais*, pelos quais substitui os próprios objetos (BERGSON, 2010, p. 358).

Bergson enfatiza a problemática da metodologia utilizada pela filosofia para afirmar a verdade. Ora, valer-se da matemática para alcançar a verdade acaba limitando-a, fazendo com que o filósofo fique apenas na linha de construção da esfera do pensamento, não tendo condições de alcançar o centro da esfera. Ao se aprofundar na história da filosofia, o filósofo percebe que houve uma utilização inadequada do método.

A crítica construída por Bergson em relação ao cientificismo moderno está no fato do mesmo reproduzir as verdades já estabelecidas pelo sistema metafísico tradicional, e isto influenciou na constituição de toda epistemologia moderna. Bergson aponta que entre a filosofia de Platão e o pensamento mecanicista moderno há uma linha tênue, que trouxe consequências para o entendimento da realidade. Ora, optou-se por uma realidade da aparência, embasada na inteligência, esquecendo, ou até mesmo desconsiderando o real em si mesmo (VILHENA, 2017, p. 193).

Como consequência desse processo de intelecção, como aponta Bergson na *Introdução à Metafísica*, nossa inteligência possui seu *modus operandi* baseado no interesse que dá a determinado conceito aplicado ao objeto, ou seja, ela busca, como aponta Bergson, retirar vantagem, satisfazer um interesse. Para o método intelectual, conhecer a realidade consiste justamente em partir dos conceitos para as coisas, e não o inverso, como propõe o método intuitivo de Bergson:

[...] a ciência positiva é pura obra da inteligência. [...] a inteligência se sente sobretudo à vontade em presença da matéria inorganizada, pois desse modo tira cada vez melhor partido das invenções mecânicas, e as invenções mecânicas tornam-se-lhe tanto mais fáceis quanto mais mecanicamente ela pensa a matéria.” (BERGSON, 2010, p. 217), todavia “[...] quando a inteligência aborda o estudo da vida, é forçosamente levada a tratar o vivo como inerte, aplicando a esse novo objeto as mesmas formas, transferindo para esse novo campo os mesmos hábitos que tão bem lhe resultaram no outro (BERGSON, 2010, p. 217).

Este conhecimento da inteligência, como aponta Bergson, consiste em “[...] tomar conceitos já fabricados, dosá-los e combiná-los até que obtenhamos um equivalente prático do real” (BERGSON, 1989, p. 144). Tal ação é própria deste conhecimento, justapor e pesar os conceitos, descobrindo qual será sua utilidade para a vida do sujeito, pois quando se pretende conhecer o objeto de maneira intelectual, tentamos enxergar nos objetos o que podemos fazer com eles e o que eles podem fazer em benefício a nós. Desta forma, Bergson confronta a filosofia em sua metodologia tradicional pois, “Ou não há filosofia possível e todo conhecimento das coisas é um conhecimento prático orientado pelas vantagens que podemos tirar delas, ou filosofar consiste em se colocar no próprio objeto por um esforço de intuição” (BERGSON, 1989, p. 145).

O dever da filosofia seria, pois, intervir aqui ativamente, examinar o vivo sem segunda intenções de utilização prática, libertando-se das formas e dos hábitos propriamente intelectuais [...], especular, ou seja, ver: a sua atitude em relação ao vivo não poderia ser a mesma da ciência, cujo objetivo é agir, e que, só podendo agir por intermédio da matéria inerte, encara somente sob esse aspecto a realidade restante (BERGSON, 2010, p. 217-218).

Bergson aponta igualmente para uma fundamentação matemática da ciência moderna, pois tratando a realidade como algo exato e estático, deixa de considerar todo fluxo de sua evolução, saltando de um ponto a outro, desconsiderando os

elementos fundamentais que compõe toda realidade, como o movimento, o tempo e a duração e, com isso, acaba por ignorar o próprio real (VILHENA, 2017). Para Bergson, ignorar a realidade engendra uma consequência, pois ao justapor tais pontos como uma sequência numérica “[...] o tempo real, encarado como um fluxo ou, em outras palavras, como a própria mobilidade do ser, escapa aqui ao domínio do conhecimento científico” (BERGSON, 2010, p. 366). Bergson aponta, segundo Vilhena, que:

[...] a ciência não está preparada para abordar questões essenciais pertinentes à ontologia, mas o erro delas está em persistirem em tais questões, empregando uma linguagem imprópria que lhe leve a afirmar a natureza do tripé ontológico: movimento, tempo e duração. Dessa forma, aquela natureza se desconfigura completamente do ponto de vista de seu sentido real (VILHENA, 2017, p. 195).

A ciência, ao realizar um trabalho de associação lógica, relaciona a matéria consigo mesma. A instrumentalização do conhecimento científico o impede de dar conta do real, tendo como consequência a impossibilidade de tocá-lo na forma como é, sempre alcançando apenas sua superficialidade.

Utilizando-se da análise científica, Bergson considera que a mesma estuda e agrupa resultados a partir de um método particular, seja ele a partir da inteligência ou do entendimento, condicionando os objetos de estudo a elementos já conhecidos, cristalizando a realidade dinâmica a símbolos (estáticos). Para Bergson, o método científico extrai dessa análise sobre a matéria pontos de vista e interpretações que o auxilia a ter uma visão mais ampla e completa sobre o real, e este, para a ciência, é a materialidade.

Dentro dessa impossibilidade da análise de conhecer a realidade em sentido absoluto, Bergson também aponta para uma questão de divergência entre duas escolas fortes dos tempos modernos, que convergem pela mesma trilha, empiristas e racionalistas. Para o filósofo, a busca do empirismo e do racionalismo ocasionou no campo da filosofia uma conturbação no seu trabalho. Ora, a filosofia começou a ficar dividida entre as duas escolas, iniciando uma perda de seu verdadeiro sentido.

Ambas as escolas, segundo Bergson, buscavam recompor a realidade a partir das traduções, mas o que isso significa? Ora, a escola empirista concentrou seus esforços nas análises de pontos de vista sobre os objetos e, a partir deles, buscar

uma espécie de recomposição daquilo que ele seja realmente. Para exemplificar tal confusão, Bergson utiliza-se da representação de um poema. Ora, não é possível que se recomponha um poema a partir da organização isolada de suas letras, e caso isso tente ser feito, o máximo que se conseguirá chegar é num amontoado de letras que até podem fazer algum sentido, mas não será o poema verdadeiro do qual as letras foram tiradas. Para que seja possível recompor tal poema a partir das letras, é necessário que antes o tenha conhecido

[...] suponhamos que me são apresentadas, misturadas ao acaso, as letras que entram na composição de um poema que ignoro. [...] se conheço o poema, ponho imediatamente as letras em seus lugares e as ligo sem dificuldade por um traço contínuo, enquanto a operação inversa é impossível. [...] A própria ideia de reconstituir a coisa, por via de operações praticadas sobre elementos simbólicos unicamente, implica um tal absurdo que ela não viria ao espírito de ninguém, se nos déssemos conta que não tratamos com fragmentos da coisa, mas, de alguma forma, com fragmentos do símbolo (BERGSON, 1989, p. 141).

Já a escola racionalista constrói sua base sobre uma unidade do eu na qual tudo pode ser abarcado e não se consegue fazer uma distinção dos objetos, pois trata-se de incluir nesse eu um vazio, onde toda e qualquer menor partícula de materialidade será apoderada, acabando por não chegar aos fatores que compunham aquela multiplicação, mas apenas ao produto final. Segundo Bergson,

[...] o racionalismo, fazendo do eu o lugar em que os estados se alojam, se põe em presença de um espaço vazio cujo limite não se tem mais razão para colocar aqui do que acolá, que ultrapassa todos os limites sucessivos que se pretende assinalar-lhe, e que vai sempre se alargando e tende a perder-se, não mais no zero, mas no infinito (BERGSON, 1989, p. 142).

O método intelectual, segundo Coelho (1999) em seu texto *Bergson: Intuição e Método Intuitivo*, parte dos conceitos à compreensão da realidade, e tal estratégia fornece a inteligência um comodismo no momento de apreender e dizer sobre o objeto. Ora, considerando que os conceitos fazem com que a inteligência agrupe signos semelhantes para qualquer objeto que deva ser analisado, ela não produzirá um esforço maior para procurar uma apreensão mais profunda do novo objeto, e tentará com todas as suas forças igualar aquele objeto a partir de outras concepções que se fazem tão próximas e que possam caracterizá-lo. Esses conceitos são

apresentados de forma clara à inteligência, pois como afirma Bergson, ela não encontra nada de novo no objeto que não já tenha possuído do antigo.

Todavia, a compreensão que se obtém do objeto através do conceito não é uma forma absoluta, pois tudo o que for dito pela inteligência serão faculdades daquele objeto.

Mas essa compreensão, propiciada pela inteligência e seus conceitos, não advém da apreensão efetiva do absoluto que só pode ser dada pela intuição, um modo de conhecimento incomum, não “natural” na condição humana, e que pode ocorrer tanto espontaneamente, como no caso da intuição artística, quanto ser preparado por um percurso analítico (COELHO, 1998-99, p. 158).

Ribeiro (2013), em seu texto *Bergson e a intuição como método na filosofia*, afirma que para Bergson, a inteligência delimita dentro de um espaço aquilo que é temporal e estende (extensão) a concepção de duração. Se caracteriza por ser uma forma humana de pensar, haja visto que, sendo responsável por iluminar e indicar a ação do homem sobre as coisas, leva o homem a perceber suas necessidades práticas de fabricação de instrumentos, aquilo que Bergson denomina em *Evolução Criadora*, como *Homo Faber*. Possui um vínculo essencial com a matéria e com o espaço, tendo a linguagem como instrumento natural à realização das coisas e a ciência como forma de justificação e legitimação da tarefa da inteligência.

A problemática do conhecimento relativo e sua função dentro da ciência positiva traz à filosofia consequências em relação a seu fundamento. Ora, quando a filosofia se baseia na análise, ela “[...] oscilará doravante entre a doutrina que considera a realidade absoluta incognoscível e aquela que, na ideia que nos dá dessa realidade, não diz nada além do que dizia a ciência” (BERGSON, 2010, p. 219). Portanto, não cabe à filosofia construir e dizer uma verdade sobre a realidade, já que a ciência é que se preocupa em buscar verdades definitivas sobre as coisas.

Feita a demonstração da invalidez do conhecimento relativo para apreender a realidade em seu âmbito mais profundo, Bergson aponta, então, para a possibilidade do Conhecimento Absoluto como abertura para a construção de seu método filosófico, a qual se tornará a porta de entrada para uma nova Metafísica.

Considerações Finais

A problemática abordada por Bergson em sua filosofia sobre as limitações do Conhecimento Relativo pode possibilitar uma longa discussão sobre a capacidade humana de conhecer a realidade da maneira que ela é. Ora, foi possível perceber que Bergson apresenta que a realidade, ao tentar ser tocada pelas ferramentas pragmáticas que temos em nosso cotidiano, não se apresenta de forma pura, mas seccionada, haja visto que somos capazes de programar e conhecer aquilo que temos referências, mas nunca conseguimos alcançá-la de fato.

O texto buscou apresentar o distanciamento de Bergson das ciências positivas. Bergson expõe que durante a história da filosofia, a assertiva sobre a existência de duas formas de conhecer alguma coisa foi uma máxima, ao passo que os meios para alcançar tais formas produzam discordâncias. Desse modo, Bergson apresenta que uma maneira de conhecer as coisas é através do conhecimento relativo, e este, por utilizar-se de pontos de vista, simbologias e conceitos, não conseguirá alcançar o interior de alguma coisa de maneira direta.

Para o filósofo, o Conhecimento Relativo está apoiado sobre as bases da inteligência, a qual, devido às suas limitações por não dar conta de abarcar o todo da realidade, secciona-a analisando sob uma perspectiva pragmática. Frente a tal conhecimento, Bergson aponta que até mesmo nas noções de tempo e duração, o psicológico humano e o movimento foram trabalhados de maneira seccionada, transformando-os em objetos utilizáveis, de modo a fornecerem algum benefício para a inteligência humana.

Também sob as bases da inteligência se apoiam as ciências positivas. Para Bergson essas ciências, tomadas em si mesmas, somente com o apoio da inteligência não conseguem alcançar a realidade em si. Ora, a inteligência, valendo-se de uma ferramenta pragmática, tem como objetivo atuar sobre a matéria inerte, ou seja, desconsidera tudo aquilo que está em movimento, e, dessa forma, seccionará todas as coisas, considerando-as em partes, deitando-se sobre um mecanicismo cartesiano. Para Bergson, as ciências, analisando as coisas de modo fragmentado, nunca chegarão a recompor, a partir de suas análises, o todo da mesma, pois sob cada ponto seccionado se darão pontos de vistas e argumentações diferentes.

Referências

ALVES, Lázaro Ferreira. **Bergson e as duas vias de acesso ao real: entre metodologia intuitiva e a metodologia analítica**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. Tradução de Afonso C. Monteiro. São Paulo: Unesp, 2010.

BERGSON, Henri. Introdução à Metafísica. *In*: BERGSON, Henri. **Cartas, conferências e outros escritos**. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 131-159.

COELHO, Jonas Gonçalves. Bergson: intuição e método intuitivo. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 21-22, p. 151-164, 1998-1999.

RIBEIRO, Eduardo Soares. Bergson e a Intuição como Método na Filosofia. **Kínesis**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 94-108, jul./2013.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. **Compreender Bergson**. Tradução de Mariana de Almeida Campos. Petrópolis: Vozes, 2007.

VILHENA, Adeilson Lobato. Intuição e Inteligência: crítica bergsoniana à linguagem metafísica tradicional. **PERI**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 184-196, 2017.

Recebido em: 27.12.2022.

Aprovado em: 16.02.2023.